

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

MUDANÇAS CLIMÁTICAS: INTERFERÊNCIAS NO CALENDÁRIO TRADICIONAL DO POVO IKPENG

*Climate change: interference in the traditional calendar of
the Ikpeng people*

*Cambio climático: injerencia en el calendario tradicional del
pueblo Ikpeng*

Kavisgo Txicão
Mestrando do Programa de Pós-graduação
Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino e
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.
E-mail: kavisgo.txicao@unemat.br

Raimundo França
Professor do PPGEII - Programa de Pós-
graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional
em Ensino e Contexto Indígena Intercultural -
UNEMAT.
ORCID: 0003-4490-192X
E-mail: raimundofranca@unemat.br

Como citar este artigo:

TXICÃO, Kavisgo & FRANÇA, Raimundo
**Mudanças climáticas: interferências no
calendário tradicional do povo Ikpeng.** In:
Revista de Comunicação Científica – RCC,
jan./maio, Vol. I, n. 7, pgs. 50-61, 2021. ISSN
2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 7 (2021)
ISSN 2525-670X

MUDANÇAS CLIMÁTICAS: INTERFERÊNCIAS NO CALENDÁRIO TRADICIONAL DO POVO IKPENG

Climate change: interference in the traditional calendar of the Ikpeng people

Cambio climático: injerencia en el calendario tradicional del pueblo Ikpeng

Resumo

As culturas indígenas, em geral, não separam a natureza do homem, nem seu inverso, tudo faz parte do todo, não existindo conhecimento que não seja aplicado. Neste sentido, este artigo é um resumo derivado do projeto de dissertação desenvolvido no Mestrado Intercultural da Universidade do Estado Mato Grosso (UNEMAT), tendo como objetivo geral a análise das mudanças climáticas sobre a cultura IKPENG, especialmente dos seus marcadores temporais. Trata de um trabalho de pesquisa de tipo qualitativa com recorte e técnica da observação participante e exploratória.

Palavras-chave: Mudanças climáticas, Calendário, Marcadores de tempo.

Abstract

This article is a summary of the work to be developed in the master's thesis. It addresses how climate change has been interfering with people's orientation through the evidence of nature. It reports what the community elders think of this phenomenon that has caused changes in the social organization of the people.

Keywords: Climate change, Calendar, Time markers.

Resumen

El artículo es un resumen del trabajo a desarrollar en la tesis de maestría. Aborda cómo el cambio climático hay estado interfiriendo con la orientación de las personas a través de la evidencia de la naturaleza. Informa lo que piensan los ancianos de la comunidad sobre este fenómeno que hay provocado cambios en la organización social de las personas.

Palabras clave: cambio climático, calendario, marcadores de tiempo.

Introdução

Este texto compreende parte do trabalho da dissertação em andamento sobre a avaliação do processo de Mudanças Climáticas e sua interferência no modo de organização do povo IKPENG, desenvolvido no Mestrado Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Mato Grosso.

A região de transição dos biomas cerrado e da floresta amazônica, nos municípios de Querência, Feliz Natal e Gaúcha do Norte, apresenta uma diversidade étnica e cultural que suscita a realização de pesquisa sobre a realidade local. Um aspecto relevante é a questão das mudanças nas práticas culturais que os povos xinguanos têm enfrentado, obrigando cada comunidade a se adaptar aos novos tempos, ou seja, as mudanças climáticas vêm interferindo nas práticas culturais, sociais e políticas de todos os povos xinguanos e principalmente o povo IKPENG.

Segundo Taffarel (2010), o Parque Nacional do Xingu foi criado em 14 de abril de 1961, por meio do Decreto nº. 50.455, o atual Parque Indígena do Xingu, uma área 10 vezes menor do que solicitado no projeto. Sete anos depois, precisamente em 06/08/1968, outro Decreto (63.082) modificava os limites meridionais e reconhecia parcialmente o erro do Decreto anterior. Mas, somente em 13/07/1971, o Decreto nº. 68.909, incorporava ao PIX os territórios dos Aruak e Karib, que habitavam a região acima da confluência dos rios Tanguro e Sete de Setembro. Com isto o território Metyktire foi dividido pelo traçado da BR-080, a qual se tornou a fronteira Norte do Parque PIX.

A demarcação do PIX efetivamente foi realizada em 1978, tendo sua homologação de fato, apenas, em 1991. A atual área do PIX é de 2.642.003 hectares. A Terra Indígena é dividida em 3 partes: **Alto Xingu, Médio Xingu e Baixo Xingu**. No **Alto Xingu** ficam os seguintes povos: *Kamaiura, Kuikuro, Matipu, Mehinaku, Nafukua, Waura e Yawalapiti*; no **Médio Xingu**: *Ikpeng, Kaiabi, Kamaiura, Aweti, Trumai e Waura e*, no **Baixo Xingu**: *Kaiabi, Kĩsedjê, Tapayuna, Yudja* (TAFFAREL 2010).

Os Ikpeng ou Txicão (como se autodenominam) são indígenas falantes do tronco linguístico da família Karib. Habitam a região que fica às margens do rio Xingu, próximo ao Posto Indígena Pavuru (CHAGAS, 2017).

Mudanças climáticas: interferências no calendário tradicional do povo Ikpeng

Antes do contato com a sociedade não indígena, esse povo vivia na região sudoeste e eram nômades, mudavam de lugar constantemente. Era um povo indócil e arredo, que guerreava com inimigos para saquear mantimentos, utensílios e sequestrar crianças de outros povos. Segundo Menget (2001), os Ikpeng vieram para a região juntamente com a formação do Xingu no início do século XX, quando viviam em estado de guerra com seus vizinhos do alto-xinguanos.

Sua população é de aproximadamente 620 pessoas, conforme censo demográfico da (UNIFESP, 2019). Os indígenas desta etnia estão distribuídos em cinco aldeias, sendo que três delas: Moygu, Arayo e Coordenação Técnica Local (CTL PAVURU) ficam localizadas no município de Feliz Natal, estado de Mato Grosso, região Centro-Oeste do Brasil. No outro lado do rio Ronuru, está localizada a aldeia Rawo, no município de Paranatinga/MT. As outras aldeias estão localizadas no rio Ronuru, noroeste do Xingu, porém, no município de Nova Ubiratan/MT (ISA, 2014).

De acordo com Taffarel (2010), o contato com os irmãos Villas Boas ocorreu em 1960, no Rio Jatobá, no nordeste do Mato Grosso, nas margens desse rio. Com avanço dos garimpeiros na região, houve epidemias de doenças na comunidade. Em 1967, os Ikpeng foram transferidos para o Parque Nacional do Xingu, no Posto Leonardo Villas Boas, no alto Xingu. Na ocasião, eram 52 indivíduos, sobreviventes dos conflitos em seu território que couberam em duas balsas pequenas (TAFFAREL, 2010).

Em 1978, no mês de outubro, os Ikpeng mudaram para o médio Xingu, abrindo uma aldeia nova, onde estão estabelecidos atualmente. Segundo Chagas (2017), toda a população fala fluentemente a língua materna, mantêm as práticas culturais fortes, a culinária, as histórias, a religião, festas, pescaria, produção de alimentos tradicionais, entre outras.

A cultura é estruturada como um tecido, constituída no tempo e no espaço pelos ritos cotidianos na vida em sociedade. Ao pesquisar práticas culturais cabe ao pesquisador a habilidade de ler e interpretar, isto é, entender a cultura como um texto que pode ser lido e interpretado e jamais compreendido do ponto de vista simbólico (JÁNUARIO, 2004).

Mudanças climáticas: interferências no calendário tradicional do povo Ikpeng

Dessa forma, o desenvolvimento dessa pesquisa na aldeia Moygu tem como perspectiva compreender e identificar as consequências provocadas pelas mudanças climáticas nas práticas culturais, principalmente no calendário tradicional do povo Ikpeng, procurando compreender os efeitos na forma de organização do povo IKPENG, bem como procurando criar produtos que ajudem a minimizar os efeitos dessas mudanças no interior da comunidade.

A temática **Mudanças climáticas: A interferência no calendário tradicional do povo Ikpeng** tem intuito de responder vários questionamentos que a comunidade vem fazendo, sobre as mudanças que vem ocorrendo na natureza, a chuva que vem tarde demais, os rios que secam além do esperado, o calor excessivo, a floração das flores fora do tempo. Essas mudanças têm provocado, nos diferentes povos, adaptações das mais diversas que alteram drasticamente sua dinâmica organizacional.

A elaboração deste trabalho visa atender uma preocupação com as mudanças culturais, pois hoje em dia se observa que é necessária uma adaptação rígida e rápida nas práticas culturais do povo Ikpeng, e, principalmente, no que se refere à produção de alimentos. Visa ressaltar que o povo Ikpeng é uma comunidade Indígena que segue rigorosamente os fenômenos da natureza, para derrubada, queimada, e plantio de roças, colheitas dos produtos da roça, colheitas das frutas nativas, construção das ocas, realizações de rituais.

Figura 1 – Pesca



Fonte: Desenho produzido por Aptuka Diego Ikpeng/www.ikpeng.org/

Kavisgo Txicão, Raimundo França



E hoje quando se quer seguir os fenômenos da natureza para determinadas atividades comunitárias não se consegue de fato resultados esperados, pois, o tempo não ajuda, o plantio da roça que ocorria no mês de outubro, quando se iniciava as primeiras chuvas, e hoje em dia só começa a chover no mês de novembro.

Neste sentido, este trabalho permitirá um diálogo com a comunidade para encontrar soluções de se “adaptar” aos novos tempos, sem deixar de desvalorizar os conhecimentos tradicionais, mas sim de se adaptar as mudanças que vem ocorrendo no mundo.

2. Discussão referencial

As mudanças climáticas, como um fenômeno das distintas formas de sociabilidades que se atizam sobre o modo de produção de valoração do capital, têm sido desde início do Séc. XIX, objeto de intensos debates no universo das organizações sociais, acadêmicas e políticas, mas tem refletido substancialmente nos diferentes modos de organização dos povos tradicionais, impactando duramente sua forma de organização social e comprometido a sustentabilidade das gerações presentes e futuras.

Para Enrique Leff (2000), as condições culturais refletem e influenciam diretamente na sustentabilidade, mas os efeitos interacionais desta dinâmica cultura-ambiente-cultura moldam se e transforma-se a si mesmo, nem sempre num contexto que poderia levar os povos a construção de modo de vida sustentável e/ou autossustentável.

Os princípios da sustentabilidade estão arraigados em racionalidades culturais. Para esse mesmo autor, a racionalidade cultural é caracterizada pelas suas complexidades, por suas inter-relações sistêmicas, científicas, econômicas, sociais e políticas. Não é a expressão de uma lógica, mas o efeito de um conjunto de interesses e de práticas sociais que articulam ordens materiais diversas que dão o sentido e organizam processos sociais por meio de certas regras, meios e fins socialmente construídos.

A cultura está integrada dentro das condições gerais de uma produção sustentável; as identidades étnicas e os valores culturais, assim como as práticas comunais para o manejo coletivo da natureza foram e são a base para o desenvolvimento do potencial ambiental para o desenvolvimento sustentável de cada região e cada comunidade. (LEFF, 2001, p. 332).

As culturas tradicionais mantêm suas identidades, conhecimentos, saberes e os costumes fundamentados em uma relação muito forte com os valores e significados que a natureza representa. A relação homem – natureza dentro de uma visão cosmológica é o alicerce das comunidades tradicionais (povos indígenas) para a apropriação dos bens e serviços oferecidos pela natureza.

Para Philippi Jr (2005), sustentabilidade se faz com equidade social, desenvolvimento econômico com responsabilidade ecológica. Uma sociedade sustentável é uma sociedade utópica no sentido estrito do termo.

A noção de sustentabilidade implica uma dimensão política, social, cultural e biológica e que exige uma extensiva produção e difusão de conhecimentos e de princípios éticos-políticos nos espaços das práticas sociais cotidianas.

A educação Ambiental tem sido uma das ferramentas para se chegar a sustentabilidade, pois ela forma indivíduos com concepções e atitudes políticas capazes de propor práticas, respeitando e buscando o desenvolvimento humano com justiça social e responsabilidade ecológica.

De acordo com o VI, art. 225 da Constituição Federal de 1988, “*é incumbência do poder público promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente*”.

Para Philippi Jr (2005), a Educação Ambiental almeja à transformação da sociedade em busca de um presente e de um futuro melhor. É uma educação para o exercício da cidadania, que se propõe a formar pessoas que assumam seus direitos e responsabilidades sociais, a formar cidadãos que adotem uma atitude participativa e crítica nas decisões que afetam sua vida cotidiana.

Essa ideia de Educação para o ambiente tem sido discutida em programa de formação *stricto sensu* e uma das áreas mais recentes tem sido a de Ciências Ambientais, pois se acredita que para desenvolver atividades capazes de sensibilizar as diferentes áreas do conhecimento é necessário desenvolver ciência de forma

integrada e para que possa beneficiar todas as classes sociais é fundamental a relação entre os diferentes conhecimentos científicos. Adota-se nesse momento o conceito de uma nova CIÊNCIA. Essa passa a ser construída com um maior interesse pelo conhecimento tradicional há tanto tempo ignorada pela ciência positivista.

A ideia de Ciência Ambiental envolve, sem dúvida, uma crítica à excessiva especialização disciplinar e à conseqüente fragmentação do conhecimento. Falar em Ciência Ambiental (no singular) supõe a construção senão de uma disciplina, ao menos de uma forma de junção os diferentes campos de conhecimento que de origem a métodos, teorias, conceitos, abordagens e, sobretudo a problemas científicos diferentes dos que a compartimentação científica convencional é capaz de produzir. (ABRAMOVAY, 2002, p. 10).

Neste sentido, a Ciência Ambiental é – mais que um novo campo do conhecimento perfeitamente delimitado – uma utopia em construção.

3. Material e Métodos

Este trabalho consiste numa pesquisa qualitativa de tipo participante, posto que os sujeitos da pesquisa estão inseridos dentro de um mesmo contexto de observação/interação (GOLDENBERG, 2011). Assim, a lógica interna do grupo em estudo é identificada e interpretada a partir do momento em que o pesquisador mergulha no seu interior, conhecendo as particularidades do universo a ser estudado. A pesquisa, também, dialoga com a abordagem interdisciplinar, tendo, também, um viés de tipo exploratório.

Os dados da pesquisa serão obtidos por meio da observação participante, utilizando-se de entrevistas formais e informais, anotações em diários de campo, gravações em áudio e registro fotográfico. Também serão feitos levantamentos em arquivos de instituições que atuam ou possuem alguma relação com a região, principalmente com instituto socioambiental (ISA), que vem fazendo pesquisa e levantamentos anuais sobre o caso.

De acordo com Brandão (1990), a pesquisa participante possibilita a recriação de dentro para fora, vai oportunizar a expressão das formas concretas de um grupo, as manifestações próprias das pessoas. Participar da produção deste conhecimento

Mudanças climáticas: interferências no calendário tradicional do povo Ikpeng

e tomar posse dele, é aprender a escrever a sua própria história de classe, é aprender a reescrever a História através da sua história.

Ter no agente que pesquisa uma espécie de gente que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para que a pesquisa participante – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que em situações diferentes – pretendem ser um instrumento a mais de reconquista popular. (BRANDÃO, 1990, p.9).

A construção deste trabalho será estabelecida nas fontes escrita, oral e iconográfica. No campo da escrita, será realizado, inicialmente, um levantamento bibliográfico, seguido de um levantamento documental, com o intuito de firmar o arcabouço teórico da pesquisa. O intento será adquirir uma base teórica que proporcione subsídios para refletir acerca dos objetivos propostos.

Com o uso de mapas e fotografias será realizado o registro iconográfico, uma vez que registrar e dar visibilidade às práticas sociais e culturais existentes nas comunidades locais. Ilustrar momentos do cotidiano irá possibilitar a reconstrução do passado e a caracterização do meio ambiente e das relações socioculturais locais.

Figura 2 – Registro da área de estudo.



Fonte: Parque Nacional do Xingu - Bing images.

Mudanças climáticas: interferências no calendário tradicional do povo Ikpeng

A aldeia Moygu e Arayo do povo Ikpeng fica localizada no município de Feliz Natal, no noroeste do estado de Mato Grosso, na terra indígena do Xingu, o povo Ikpeng tem uma organização social que vem sofrendo interferência por causa de contato direto com a sociedade envolvente, ainda falam fluentemente a língua materna, mantem forte as práticas culturais. A pesquisa ocorrerá em duas comunidades acima citadas, que tem uma prática de agricultura muito forte, e por este motivo essas comunidades vem observando as mudanças que vem ocorrendo no meio ambiente.

Figura 3 – Casa Tradicional



Fonte: arquitetura Ikpeng/www.ikpeng.org/

A região na qual está localizado estas aldeias também e uma região que vem se preocupando com reflorestamento das florestas em torno da aldeia, e vem reflorestando as nascentes dos rios em volta do Xingu com programa que vem trabalhando com instituto socioambiental, de coleta e venda de sementes para agricultores reflorestarem as áreas degradadas pela ação do homem.

Nestas aldeias também se encontra os conhecedores da cultura Ikpeng, que são considerados os guardiões Ikpeng, são as pessoas que transmitem os seus conhecimentos cotidianamente para a comunidade.

Kavisgo Txicão, Raimundo França



Figura 4 – Guardiões Ikpeng.



Fonte: MAWO – a Casa de Cultura Ikpeng | Instituto Catitu/www.ikpeng.org/

4. Resultados esperados

Ao final da pesquisa esperamos ter constituído informações e observações suficientes, para de fato, compreender as mudanças das mudanças climáticas sobre a cultura Ikpeng, para que possamos juntamente com a comunidade encontrar meios de manter as nossas práticas culturais vivas e forte, assim como compreender que, muitas vezes, é necessário uma adaptação para manter a cultura viva, fortalecendo o respeito amplo que o povo tem com a natureza, incentivando as práticas de manejo, que já vem ocorrendo para que os futuros guerreiros Ikpeng possam ter um lugar equilibrado ecologicamente para viver.

Referências

ABROMAVAY, Ricardo. **Construindo a ciência**. São Paulo: Annablume, 2002.

BANIWA, Luciano dos Santos Gersem. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**, Coleção educação para todos, Brasília, novembro de 2006. Edições MEC/Unesco.

BRASIL. **Constituição federal**, 1988.

BRASIL. IKPENG Mawo **casa de cultura**. Disponível em: www.ikpeng.org/quem_somos/mudanca.php. Acesso em 5 de janeiro 2019.

BRASIL. ISA - Instituto Socioambiental-Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil:1991-1995**. São Paulo, Brasil, ISA, 1996: 871.

BRASIL. ISA. **Mapa**. Instituto Socioambiental/ISA, 2014. Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/povo/Xingu/1539. Acessado em 03/02/19.

GOLDENBERG, Miriam. **A Arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEFF, Enrique. **Ecologia, Capital e Cultura**. Santa Catarina: Edifurb, 2000.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MENEGET, P.; colaboração de TRONCARELI, M. C. **Povos Indígenas no Brasil**. 1975. Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/povo/lkpeng/607. Acesso em 02/02/19.

TAFFAREL Korotowi. **Ritual da tatuagem: educação ambiental e prática cultural entre os Ikpeng** Dissertação Mestrado, UNEMAT Cáceres Mato Grosso 2010. Disponível em: <http://www.unemat.br/prppg/ppgca/teses/2010/07.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2019.

Recebido: 13/09/2020

Aprovado: 30/12/2020

Publicado: 30/01/2021